

# Como fazer coisas do jeito de *Anyone Corporation*

*A Way to How do things according to Anyone Corporation*

Alexandre Dias Guarino\*

\*Universidade Presbiteriana Mackenzie, Brasil, aledg@zarquitetura.com.br

usjt

arq.urb

número 33 | jan-abr de 2022

Recebido: 15/12/2021

Aceito: 26/03/2022

DOI: [10.37916/arq.urb.vi33.574](https://doi.org/10.37916/arq.urb.vi33.574)



---

## Palavras-chave:

Metodologia.  
Teoria da Arquitetura.  
Palavra.

## Keywords:

Methodology.  
Architecture's Theory,  
Word.

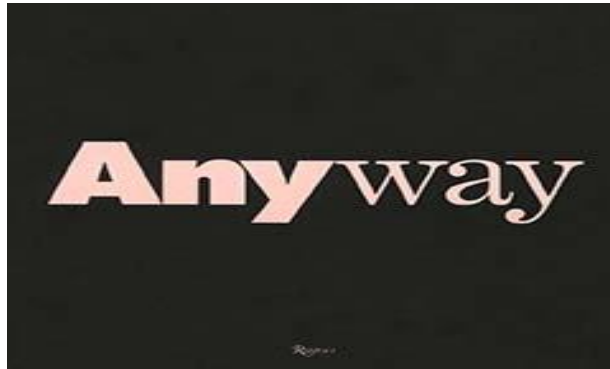
## Resumo

Durante a década de 1990, a Anyone Corporation organizou conferências ao redor do mundo, debatendo a Arquitetura pela ótica da multidisciplinaridade, multiculturalidade e indecidibilidade. Nos anos de 1993 e 1997 debateram a metodologia como meio político e arquitetônico. O fazer, o refletir, o refazer. Este artigo baseado na dissertação de mestrado de Guarino (2020) apresenta e discute ambos os modos de se compreender a questão da metodologia em Arquitetura e Urbanismo.

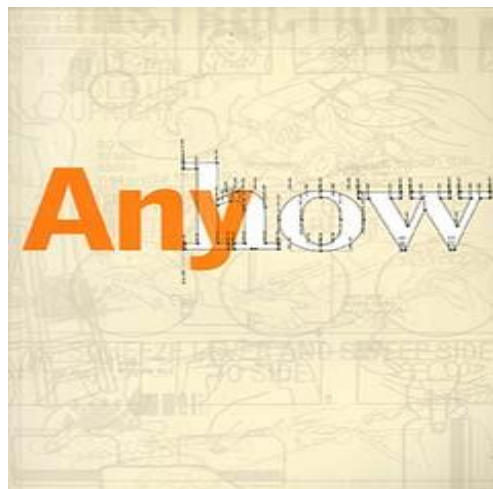
## Abstract

During the last decade of the last century Anyone Corporation held conferences around the globe debating the state of the Architecture in a multidisciplinary, multicultural and undecidable way. At the years 1993 and 1997, they discussed about methodology in politics and architectonic ways, Doing, reflecting, making. And this article based on the master's dissertation of Guarino (2020) presents and discusses the both methods of understanding of methodology in Architecture and Urbanism.

## Como fazer coisas do jeito de Anyone Corporation



**Figura 1:** Capa dos anais da conferência Anyway Disponível em: <https://www.anycorp.com/store/anyway?category=ANY%20Books> , Acesso em: 14 mai 2018.



**Figura 2:** Capa dos anais da conferência Anyhow. Disponível em: <https://www.anycorp.com/store/anyhow?category=ANY%20Books> , Acesso em: 14 mai 2018

<sup>1</sup>*Modus Operandi*: [lat.] loc. subst. modo pelo qual um indivíduo ou uma organização desenvolve suas atividades ou opera. (OXFORD, OBJETIVA, 2019)

<sup>2</sup>*Anyone Corporation* é referida em artigos e nos anais das conferências pelo termo reduzido *Any*.

## Introdução

Método, meio, modo, jeito, forma de fazer, ou mesmo *Modus Operandi*<sup>1</sup>, o processo do fazer arquitetura é um tema recorrente na Arquitetura e Urbanismo; e por anos, a definição e compreensão da metodologia da arquitetura esteve na pesquisa de muitos arquitetos e pensadores.

Nos anos 1990, mais precisamente em 1993 e 1997 a metodologia em si foi o tema principal do debate das conferências organizadas pela *Anyone Corporation*, *Anyway* (1993)(Figura 1), em que se tratou do modo, meio, jeito, e mesmo da política da arquitetura, e *Anyhow* (1997)(Figura 2), onde o “como fazer” foi visto como tema aberto e exposto aos convidados. E com isso, vem as perguntas deste artigo: Como *Any*<sup>2</sup> via a metodologia da arquitetura? Quais foram as contribuições do debate quanto as metodologias de fato trazidas para a Arquitetura e Urbanismo do início do século XXI?

## Qualquer Corporação

Como primeiro passo deve-se introduzir a *Anyone Corporation* e suas conferências durante a última década do século XX, este um assunto pouco debatido no Brasil. As dez conferências anuais foram parte do projeto de *Anyone Corporation* para discutir o estado da disciplina Arquitetura no fim do século XX. Estes encontros se espalharam pelo globo com os eventos destinados ao fomento de ideias, com base em pressupostos conceituais do multiculturalismo e da transdisciplinaridade. Este empreendimento foi fundado pelos arquitetos e teóricos Peter Eisenman, Cynthia Davidson, Arata Isozaki e Ignasi de Solà-Morales; que logo agregaram um conselho diretor formado por arquitetos e críticos para auxiliar no seu desenvolvimento.

Outros conceitos importantes para a empreitada foram a globalização e a indecidibilidade<sup>3</sup>, o primeiro se devia a fato das distâncias estarem diminuindo naquela década, não mais havendo o medo de uma guerra nuclear entre Estados Unidos e URSS, o mundo se viu apto a multipolaridade global. Já o segundo conceito, a indecidibilidade se trata da habilidade de abrir conceitos, deixá-los livres e dispostos

<sup>3</sup>indecidibilidade: qualidade de indecidível; propriedade do que é impossível de ser decidido, resolvido, arbitrado. (HOUAISS, 2017?)

a constantes revisões, é um frequente agenciamento, desagenciamento e reagenciamento de pensamentos. Este conceito foi alimentado pelos trabalhos de alguns filósofos como Foucault, Derrida, e a dupla Deleuze e Guattari. Com este conceito *Anyone Corporation* não buscava uma conclusão, mas sim evidenciar possibilidades de como estava a arquitetura ao final do milênio, e assim abrir o caminho de novos debates futuros.

Esta indecidibilidade não é somente a habilidade de deixar as coisas não decididas, é também a disposição de contar com os conceitos do fluxo, de uma história aberta e a certeza de um futuro incerto. É contar com o Caos, não como uma desordem, mas como uma extrema complexidade que se desdobra a cada instante, sem planejamento prévio demandando reações por parte daqueles que querem trabalhar com ele.

Um pensamento que segundo Cynthia Davidson (2004) “[...] não só sugeriu que nada estava fixo em termos do pensamento arquitetônico, mas também que ambos, história e o futuro, poderiam ser vistos como não decididos, isto é, como referentes não mais fixos.”. De fato, a partir dos conceitos do pós-estruturalismo questões como a multiplicidade do ser, o fluxo, a arqueologia do conhecimento, a desconstrução, entre muitos outros trouxeram a noção de abertura, de definições momentâneas que estão à espera de mudanças e revisões.

### M.O.

Método, é uma série de instruções que levam a um resultado pré-determinado. O processo é o modo, o caminho que algo seguiu para chegar ao seu objetivo. Enfim, determinar um “como fazer” é difícil, existem inúmeros livros que buscam sanar esta questão, o mais celebre deles é “A arte em Projetar Arquitetura” de Ernest Neufert (2000).

Porém em *Any*, o método, o meio de fazer arquitetura estava aberto a qualquer possibilidade conceitual que pudesse ousar um sonho a mais. Portanto a partir desta constatação quanto a metodologias, as conferências aqui apresentadas buscaram colocar este modo de fazer como algo individual e natural do processo arquitetônico.

### Qualquer Caminho

No ano de 1993, ocorreu a conferência *Anyway* em Barcelona, Espanha. Conferência esta focada nos inúmeros caminhos da arquitetura, nos seus métodos e modos de atuação, focado na política da Arquitetura. Um evento encabeçado por Ignasi de Solà-Morales e Josep Ramoneda, este então presidente do CCC (Centro de Cultura de Catalunha).

Podemos interpretar “política” de diversas maneiras, mas no caso de *Anyway*, Solà-Morales e Ramoneda optaram por deixá-la aberta como esperado, mas o palestrante do evento, o filósofo Xavier Rubert de Ventós trouxe um pouco de foco ao debate. Então a política teve um direcionamento para o modo de fazer arquitetura, os processos teóricos e práticos que levam a arquitetura a existir. O filósofo catalão discorreu a respeito da expressão “*Any Way Leads to Rome* (Qualquer Caminho Leva a Roma)” (DE VENTÓS, In: DAVIDSON, 1994, p.25), na qual apresentou os muitos significados de *way*, tratando-o como caminho, percurso, estrada e também como meio, método, jeito, modo e maneira. Nesta frase referente à Roma há uma dupla interpretação, a primeira se refere a todos os caminhos levarem a Roma porque Roma construiu as estradas, já a segunda interpretação se refere à Roma só ser Roma porque as estradas configuram a cidade como tal. Ou seja, são duas maneiras de interpretar uma simples sentença. Este pensamento apresentado por de Ventós esboça que são os meios, os percursos que conformam o objeto, no caso Roma, que existe devido a isto.

Solà-Morales e Ramoneda, por sua vez, ao introduzirem os debates trouxeram alguns temas ligados às estratégias, conjecturas e política à mesa de discussões. Eles apresentaram *Anyway* considerando os caminhos que se poderiam seguir com a Arquitetura, seus processos e métodos, entre outras questões, e por fim colocaram a seguinte pergunta:

Após anos de guerra fria o mundo está passando por uma reorganização difícil e de risco. Astrofísica, genética e psicologia não apresentam garantias. Tecnologia não parece ser uma resposta certa, e a política parece ser incapaz de evitar o autoritarismo, corrupção, e constante conflito. A luz destas incertezas, o que a arquitetura pode oferecer? (SOLÀ-MORALES, RAMONEDA In: DAVIDSON, 1994, p.20).

Esta pergunta teve por finalidade a retórica, estimulando nos convidados possíveis debates após suas apresentações, entre outra perguntas apresentadas pela dupla catalã levaram em conta uma série de questionamentos a respeito de processos, meios e métodos da arquitetura, eles questionaram a respeito da poética e da cópia, a mimese, e seu impasse arquitetônico, o quanto da dita produção arquitetônica seria somente construção e o quanto seria de fato arquitetura.



**Figura 3:** Peter Eisenman e Ignasi de Solà-Morales na mesa de discussão da conferência Anyway, 1993. Disponível em: [https://www.metalocus.es/en/news/anyway-congress-city-cities-jose-juan-barba\\_](https://www.metalocus.es/en/news/anyway-congress-city-cities-jose-juan-barba_), Acesso em: 8 ago. 2020.

Neste evento de Barcelona, podemos citar como exemplo das visões de método o debate da Mesa intitulada “Expansões, Colonizações”. Esta mesa foi composta pelos arquitetos Pierluigi Nicolin, Peter Eisenman, Ignasi de Solà-Morales e pelo filósofo e teólogo Mark C. Taylor (Figura 3). Nicolin focou no internacionalismo da arquitetura, não exatamente uma visão baseada na globalização. Eisenman apresentou o modo pelo qual projetou o edifício *Haus Immendorff*, o qual foi concebido através do uso de um sólton e sua interferência em uma superfície plana, para com isso determinar o espaço arquitetônico pretendido.

Solà-Morales por sua vez expôs que toda intervenção é violenta, seja ela arquitetônica ou urbanística, e assinala que cabe aos arquitetos a adoção de métodos que

lidem com esta violência da intervenção de forma a minimizá-la, sem a criação de espaços nos quais se possa estimular uma resposta igualmente violenta a intervenção primeira. Por fim, Mark Taylor apresentou um misto de observação da realidade com um exercício de “futurologia” para a época. O “Trabalho em Rede” que o autor abordou na conferência envolve o trabalho colaborativo, porém com a possibilidade de equipes trabalhando sem precisarem dividir o mesmo espaço físico. Algo que se tornou comum a partir de 2020 com a pandemia do novo coronavírus. Esta rede espalhada pelo globo demandaria modos de trabalho diferenciados do que era praticado no momento.

Taylor mencionou que com uma certa variedade de pessoas, culturas e disciplinas, estas equipes espalhadas pelo globo poderiam evoluir muito seus trabalhos, o ganho da multitude de saberes. Ou seja, a adoção do “e” de Venturi substituindo o “ou” de muitos arquitetos anteriores a ele. O filósofo e teólogo comparou a pureza formal modernista com a política totalitarista, restringindo a arquitetura a regras e dogmas, já o pós-modernismo se propunha como uma política populista, aceitando todas as manifestações populares e as colocando num patamar de igualdade. Sobre a conferência em si ele disse em sua apresentação:

Neste momento histórico em particular, a insistência que “é o momento de não se falar de política e arquitetura, mas da política da arquitetura”, é mais do que compreensivo; isto é inevitável. A magnitude e urgência de nossos problemas sociais e políticos requer o desenvolvimento de métodos arquitetônicos inovadores que abrem o caminho para ações responsáveis. (TAYLOR, In: DAVIDSON, 1994, p.104).

Conforme a chamada revolução digital se espalha pelo globo unificando o mundo no que já foi denominado de “aldeia global”, gerou uma nova forma de materialidade, esta rede de conexões telecomunicacionais tornaram menores as distâncias, porém evidenciou nossas diferenças. Esta “materialidade imaterial” demanda de nós um permanente estado de atenção, pois uma vez conectados não mais poderemos nos desconectar, isto que segundo Taylor é necessário para que sua proposta se valide. O trabalho em rede feito simultaneamente em diversos lugares nunca para.

Para Mark Taylor (1994), o trabalho em rede depende do uso das tecnologias providas por meio dos computadores e das telecomunicações, hoje constituído

exclusivamente pela Internet, para a descentralização do trabalho. Todo serviço, ou quase todo, poderia ser realizado remotamente de forma que o uso de grandes espaços físicos nos centros das cidades se tornariam somente uma alternativa datada, em processo de obsolescência. Em suas palavras “Os indivíduos não precisam mais estar presentes fisicamente para trabalharem em conjunto.” (TAYLOR, In: DAVIDSON, 1994, p.104-105). Este mundo do trabalho em rede ocupa um espaço, no caso um espaço virtual, o ciberespaço. “O ciberespaço é um ambiente cuidadosamente simulado no qual imagem e realidade se tornam indistinguíveis.” (IBIDEM, p.105) e esta indistinção de realidades fica com as suas fronteiras cada vez mais finas na medida em que adotamos os signos eletrônicos como signos da realidade material, e vice-versa.

Taylor ainda disse que o ambiente gerado pelos computadores, hoje sendo conhecido por metaverso, se dá devido ao fato de permitirem que as relações sociais desmaterializadas possam seguir seu curso, este espaço digital se tornaria então um espaço real. Sendo um espaço (um novo tipo de espaço), o ciberespaço deveria ser uma preocupação dos arquitetos, pois este local digitalmente mediado precisaria da regulação de profissionais que lidam com a quantidade e qualidade do espaço. Esta “previsão” de Mark Taylor o fez afirmar em 1993, que até mesmo seríamos vítimas de guerras travadas no espaço cibernético. E com isso o filósofo comenta que se “a arquitetura se encontrará com a sua responsabilidade social e mais uma vez responderá ao seu chamado político, ela deve encontrar maneiras de intervir no registro de imagem simbólica que formam a mediatriz de nossos mundos.” (IBIDEM). Portanto, o trabalho em rede, que também pode ser chamado de trabalho em grupo, porém, com seus integrantes espalhados em diferentes países e cidades, pode trazer a eficiência que muitos buscam para a economia, mas também podem trazer o crescimento com a adoção de diferentes formações culturais que juntas trabalham ininterruptamente.

O método trazido ao debate por Peter Eisenman foi o uso de sistemas emergentes aplicados à arquitetura, no caso o uso de sólitons, uma onda solitária que permeia a tudo. No caso este sistema está contido em um ambiente virtual que em 1993 estava muito mais limitado do que hoje, sendo que, este apresentou seu projeto *Haus Immendorff*, que fora produzido inteiramente por meio de processos digitais de modelagem tridimensional. Ele codificou seu objeto através da manipulação da

reação de um sólido virtual sendo influenciado pelas ações de um sólito gerando volumes, cheios e vazios, possíveis espaços para uso das pessoas. Nesta ação, Eisenman buscou escapar do que chamou de colonialismo da forma.

Por colonialismo da forma o arquiteto e teórico estadunidense menciona a coletânea de dogmas do modernismo, que ao enquadrar o que seria a “boa arquitetura” indiretamente convergiria todas as expressões arquitetônicas para o controle de sua estética. No caso do uso do sólito e sua reação em um meio físico modificando-o de forma “aleatória”, permite a criação de espaços mais receptivos ao acaso, ao uso indefinido. Este modo, este método de Peter Eisenman, faz parte de sua longa pesquisa em busca da autonomia da forma arquitetônica, um meio de libertar o pensamento arquitetônico e sua expressão de dogmas e regras preestabelecidas em um momento específico da história.

Já Ignasi de Solà-Morales abordou a questão do método, do modo de ação explorando o conceito de colonialismo. Para Solà-Morales toda intervenção no espaço existente é um ato de colonização, que por sua vez é um ato de violência. E com isso, ocorrem reações em resposta aos atos colonizadores, como por exemplo a reação revoltosa dos colonizados, que muitas vezes se assemelham ao terrorismo, cabendo também discorrer que ele discutiu a criação de métodos de reação. Considerando três tipos de reação à colonização temos: 1) A Submissão, que se resume a repetir padrões advindos da metrópole; 2) A Delinquência, que é a resposta da desobediência, é a reação por meios muitas vezes anárquicos e violentos; e por fim 3) A Resistência, que pode ser definida como uma reação semelhante a delinquência, tendendo a atitudes “terroristas”; e também, de uma outra forma, pelo uso com astúcia do conhecimento e da inteligência. Este último ponto é tomado como o mais interessante por Solà-Morales, resultando em dois exemplos, tendo a resistência por meio da desconstrução, e sua base teórica pós-estruturalista, de certo modo como dito por Ignasi, esta forma de resistência seria “mais que um caminho para a ação, é o delírio da inteligência.” (SOLÀ-MORALES, 2009, p.60).

O contraponto, é a arte e arquitetura minimalistas, que com seu silêncio buscam escapar da dominação por meio do vazio, da negação mesmo que momentânea dos elementos colonizadores e por mais que haja estas relações de colonização, violência e resistência em toda intervenção arquitetônica ou mesmo urbanística ela

se encontra em aberto como um devir reação neste sentido. A ação que é a intervenção como dito pode ser considerada um ato colonizador, por isso violento, e vai assim gerar uma resistência por meio de uma sorte de atores urbanos. O debate após as apresentações dos conferencistas seguiu caminhos específicos, tendo a tecnologia da informação, então emergente, como principal ponto norteador da discussão.

As tecnologias de 1993 trouxeram a agilização dos processos da arquitetura que causaram tanto a libertação da superfície do papel quanto uma neocolonização em torno de linguagens um tanto fixas. Solà-Morales (In: DAVIDSON, 1994, p.125), por sua vez, fez uma declaração, na qual a tecnologia pode ser vista como uma forma de neocolonialismo, ela estabelece esta condição ao gerar uma relação de controle. Ele deixa expresso sua opinião:

Tecnologia é uma condição; não é a substância, conteúdo, valor. Se arquitetura não pode estar separado do sistema de valores estabelecidos pelas condições técnicas, pelas condições da cultura de massa, e pelas condições de globalização de todos fenômenos, daí não há nada além a ser dito. Talvez eu seja um pouco antiquado a este respeito, mas eu acho que há outros tipos de valores que são importantes. (SOLÀ-MORALES, In: DAVIDSON, 1994, p.125).

### Qualquer Processo

No ano de 1997, o tema do método foi evidenciado em *Anyhow* (Figura 4), Cynthia Davidson, organizadora e editora dos anais, classificou a conferência como um evento focado no “como fazer”. Um dos motivos vistos para que isto ocorresse era a cobrança para que *Any* se tornasse algo mais tangível, menos teórico, algo como um movimento dogmático, com a produção de objetos concretos e seu receituário, menos indecibilidade. Porém, não foi exatamente isso que ocorreu. *Any* trouxe uma discussão sobre a prática construtiva da arquitetura, sem esquecer os anseios eisenmanianos da autonomia. Este pensamento enriquecido do pragmatismo presente nas culturas germânicas, apresentou por meio de discursos e artigos uma crítica embasada na aplicação dos diagramas, inicialmente apresentados por Foucault e desenvolvidos por Deleuze.



**Figura 4:** Trecho de fotografia em grupo dos conferencistas de Anyhow, 1997, em Roterdã, Holanda. Destaque para Ignasi de Solà-Morales ao lado de Peter Eisenman na segunda fileira  
Fonte: Bert Nienhuis, In: DAVIDSON, 1998, p. 263.

John Rajchman, Sanford Kwinter, Ole Bouman, Hans van Dijk e Rem Koolhaas representaram este anseio por um pragmatismo, por mais experimentos e reações. Rajchman clamou por um “novo pragmatismo” o qual ele definiu neste evento como sendo um “pragmatismo de diagrama e diagnóstico” a respeito de forças imprevisíveis, completamente empíricas. Esta nova forma é preocupada com o presente de futuros múltiplos e desconhecidos, que cabe ao arquiteto imaginar, criar, inventar.

Outro nome que nossa leitura pode destacar, é o de Sanford Kwinter, que trouxe o que ele mesmo chamou de um “manifesto abortado” que buscou por uma arquitetura mais ligada ao conceito de *design*, propondo um modo diferente de se pensar a disciplina. Para Kwinter “[A]rquitetura começou a desaparecer como disciplina, e



alguns de nós não estão de luto [...] gostamos de pensar na prática de uma forma genérica e elástica do termo: pensamos no que fazemos como *design* [...]” (KWINTER In: DAVIDSON, 1998, p.22). O *design* no caso, representa o processo todo da arquitetura, da concepção à edificação com todos os seus processos construtivos intimamente ligados na expressão resultante no edifício.

Um painel do evento representou bem a discussão do “qualquer como” de *Anyhow*, este foi intitulado de “Ferramentas, Organização, Processo”, onde se esperava discutir sobre técnicas e tecnologias, métodos e metodologias, enfim os meios de se fazer arquitetura, um tema prático em uma conferência sobre prática. Nesta mesa de discussão, Sanford Kwinter fez uma proposta, seu manifesto abortado, o embrião de um possível movimento arquitetônico deliberadamente interrompido pelo autor para o manter em um estado de suspensão, um devir constante, o que acabou sendo o assunto principal do debate que seguiu o painel.

Kwinter esclareceu o apelido dado ao seu texto, “Manifesto Abortado”, ao se referir ao fato de que seu texto está incompleto. E ele conclui seu prólogo com a frase “Manifestos, afinal, mesmo os abortados, precisam ser sobre um algo ‘novo’.” (KWINTER, In: DAVIDSON, 1998, p.24). E Sanford seguiu seu “golpe”, avisando aos demais conferencistas e convidados da plateia que muitos dos presentes já não estavam mais fazendo arquitetura, mas sim algo mais próximo do *design*. Uma arquitetura que se tornou um novo órgão, um novo sistema em si para a realização de experimentos, criações e novas técnicas. Deste modo se começa a compreender sua visão para o fim da disciplina arquitetura, ou seja sua proposta visa a criação de algo novo, uma nova disciplina que se comportaria como um órgão em formação, que ao compreender a técnica usa dela para experimentar novas formas de *design*. Sua forma inovadora do que se pode chamar de “órgão”, se distancia da arquitetura, isto se for levado em conta a consideração de que a arquitetura em sua forma tradicional desenvolvida ao longo dos séculos e séculos. Assim, foi aberto o espaço para aplicar a lógica do *design*. e a lógica da pesquisa, da investigação neste campo, deixando que estes experimentos sigam seu próprio curso.

Kwinter chamou a atenção para algo que estamos vendo presente e constantemente crescente nos últimos dez anos, o algoritmo; “O final do século XX pode um dia ser conhecido como a aurora da era do algoritmo.” (KWINTER, In: DAVIDSON,

1998, p. 27). Este por meio de parâmetros definidos previamente gera uma forma tridimensional no ambiente computacional, hoje conhecemos, por exemplo a extensão *Grasshopper* (Figura 4) para programas de desenho tridimensional. O algoritmo, uma expressão booleana de uma lógica aplicada ao funcionamento de programas de computador, visa a execução de tarefas de forma simples e direta. Ele sempre prevê o fator usuário em meio ao uso do programa. Enfim, este algoritmo é um termo no paradoxo computacional, a desmaterialização dos processos, cultural, econômico, etc. Esta desmaterialização por sua vez gera um novo materialismo, este eletrônico, digital, pertencente ao ciberespaço. O que pode ser considerado um grande passo em direção a autonomia da forma arquitetônica.

Peter Eisenman por sua vez, apresentou um método onde se valoriza o processo do interstício. Focado em uma dialética da Arquitetura e do *Design* como sendo oposições complementares, o primeiro se refere a satisfação e o segundo se refere a subversão. Porém, Eisenman considera que a subversão pode ser uma forma de satisfação. Por isso “a diferença entre as duas pode nem ser tão grande quanto inicialmente parece, a subversão é geralmente uma forma de satisfação.” (EISENMAN, In: DAVIDSON, 1998, p.29). Para Eisenman, a subversão em arquitetura só é possível quando aplicada na sua teoria, ou seja, na forma de se conceber, compreender e criticar a arquitetura. Estando na teoria da arquitetura, a subversão atinge a retórica da mesma, e também a sua metáfora. De modo geral, muitos entendem que ao envolver a retórica, está se envolvendo as metáforas, no caso Eisenman abole as metáforas visuais, e se foca nas metáforas conceituais, como quando se refere a um edifício como escultórico, feito de forma a lembrar o trabalho de um escultor escavando a superfície de um bloco, isto segundo Eisenman é um tipo de metáfora que ele busca em seu artigo. O modo linguístico de se entender a arquitetura, seja de forma estrutural ou pós-estrutural é facilmente aplicável no conceito da metáfora na forma da leitura e da concepção do edifício em si. Na abolição da metáfora formal, o próprio modo projetual da arquitetura muda e entra na conta do uso de diagramas, nos quais se expressam, por exemplo no uso, o programa de necessidades do edifício, a relação urbana com seu entorno imediato, etc.

Desta expressão surgem formas de modo autônomo, ou seja, sem o uso do místico

traço do arquiteto. De forma, ao exemplificar seu discurso, Peter Eisenman apresentou alguns projetos, dentre eles um projeto para as Nações Unidas em Genebra (Suíça), em que buscou desestabilizar, subverter, primeiramente a ideia de recipiente como principal significado de um edifício, e para isso Eisenman usou de diagramas. Ele usou um diagrama de funções que não seriam produtores de espaço, para tanto este diagrama composto de linhas verticais e horizontais, que sofreu por meio de sinapses uma interferência na malha estabelecida. Estas interferências permanecem na malha que mantém uma memória de toda interferência sofrida, “Este diagrama foi separado em duas frequências que gravaram os traços de suas atividades individuais.” (EISENMAN, In: DAVIDSON, 1998, p.33-34), e assim uma forma resultante surgiu em uma série de formas estruturais, e destas foram encontrados os possíveis interstícios que deveriam receber as funções do edifício.

Tanto no artigo quanto no edifício de Eisenman, a questão do processo como meio de atingir a tão sonhada autonomia da forma arquitetônica, no caso o uso de um diagrama que sofre forças externas aparentemente desvinculadas com a finalidade de se desenvolver um edifício, gerando, quando ocorre, um vazio de significado que opera de forma aparentemente intuitiva na geração da forma arquitetônica.

Nesta conferência, Ignasi de Solà-Morales apresentou uma provocação para se repensar o modo como toda a arquitetura foi pensada ao longo da sua história. Com uma Arquitetura Líquida ele se contrapõe a toda história da Arquitetura, que sempre foi sólida como conhecemos. O modo de pensar líquido exposto por Ignasi substitui o conceito de *firmitas*<sup>4</sup> de Vitruvius pelo conceito de líquido, trazendo uma condição material do fluido e pertencente à categoria do tempo.

A contemporaneidade trouxe, segundo Solà-Morales, a preocupação com a mudança, com a transformação, com o fluxo de energia, comunicação, desejos, etc. Estas questões que são indefinidas materialmente se tornaram o centro do pensamento, que para ele, a arquitetura deveria mudar e ser líquida como o tempo. “Uma arquitetura líquida em vez de uma arquitetura sólida será aquela que substituirá a firmeza pela fluidez e a primazia do espaço pela primazia do tempo.” (SOLÀ-MORALES, In: DAVIDSON, 1998, p.38), ou seja, a preocupação é dar forma ao

tempo. Num estágio inicial, esta arquitetura teria de estar a meio caminho entre o espaço e o tempo. Toda forma de espaço é percebida por meio do tempo, e o tempo é a forma de se experimentar o espaço, o que reforça a constante da relação espaço-tempo. Sendo desta forma, o tempo medido em quanto ele dura, toda experiência está submetida a quanto de duração se tem com o tempo. Solà-Morales usou o conceito de espaço de Bergson. O tempo bergsoniano, é percebido pela consciência como uma sucessão, uma fusão, uma multiplicidade real e virtual contínua.

Esta arquitetura líquida é baseada na experiência, num devir duração, uma multiplicidade de experiências de espaços e tempos que são incapazes de fixar objetos, de delimitar espaços, de cronometrar o tempo. Mas, esta mesma arquitetura ainda não possui um sistema de representação, pois a experiência que a define não tem ainda como ser representada. Contudo, o professor insinua que “uma fita de Möbius da qual é impossível escapar da forma que cria sua própria flutuação permanente.” (SOLÀ-MORALES, In: DAVIDSON, 1998, p.43), é uma forma de visualizar esta arquitetura, pois a fita é o resultado da dobra em cima de si mesma, tal como a arquitetura líquida, porém, devido à falta de instrumentos para o controle do local do fluxo, o espaço/tempo/evento, uma arquitetura de fato líquida, ainda se mostra apenas conceitual, com isso Solà-Morales (In: DAVIDSON, 1998, p.40), apresentou um meio termo, uma arquitetura viscosa, na qual a ductilidade se insere entre a firmeza vitruviana e o fluxo da arquitetura líquida, então é possível a observação a seguir:

Uma arquitetura líquida significa, antes de tudo, um sistema de acontecimentos nos quais o espaço e tempo estão simultaneamente presentes como categorias abertas, múltiplas, não reduzível e como organizadores destas abertura e multiplicidade, não impulsionado por um desejo de impor uma hierarquia e uma ordem, mas por uma composição de forças criativas. (SOLÀ-MORALES, In: DAVIDSON, 1998, p.40).

Por mais provocativo e aparentemente impossível de ser realizada esta arquitetura líquida, Solà-Morales apresenta a possibilidade de uso de uma subversão como conceito chave para uma nova forma de se fazer arquitetura, abrir o debate para métodos inovadores a surgir.

<sup>4</sup>*Firmitas* – da tríade vitruviana representa estabilidade, firmeza, durabilidade.



e produção de novas mensagens. (SOLÀ-MORALES, In: DAVIDSON, 1998, p.55)

Em *Anyhow* a arquiteta Nasrine Seraji apresentou o Ateliê Nexus, “O estúdio como um nexo de fabricação (de pensamentos, de coisas, de arquitetura) é um espaço fixo onde a mão de obra, máquinas, técnicas, e referências são confrontadas e postas em conflito, criando um processo de constante fluidez.” (SERAJI, In: DAVIDSON, 1998, p.45). Este estúdio tem sua concepção como um espaço transdisciplinar, envolvendo arquitetos, artistas plásticos, filósofos, engenheiros, estudantes e críticos tanto de arte, quanto de arquitetura. Esta mistura disciplinar é a metodologia adotada por Seraji, resultando em uma grande variedade de obras, sejam arquitetônicas, artísticas, acadêmicas, ou mesmo literárias de toda sorte.

O ponto chave de sua fala é o uso da arquitetura para o fomento financeiro dos debates, e demais resultados vindos do convívio transdisciplinar, “Os edifícios financiam projetos sem remuneração, livros sem remuneração, e as exposições sem remuneração.” (SERAJI, In: DAVIDSON, 1998, p.45). Ou seja, um modo de ver a arquitetura como meio de algo, não o fim, não o objetivo final do escritório. Um método aberto, múltiplo em sua concepção, inesperado em sua realização e livre em seu resultado. Logo qualquer ferramental e meio é válido pra se alcançar o objetivo de desenvolver conceitos, ideias, sonhos e possibilidades.

Esta composição de discursos e autores trouxe ao evento um debate deveras interessante, porém para o foco do artigo, o processo, o método, o modo de fazer arquitetura do evento, pode ser explicitado em Solà-Morales:

Uma das ideias interessantes propostas por Sanford é que a técnica é um dos mais evidentes meios nos quais a arquitetura é cobrada para sair de si. O discurso da retórica é basicamente um processo solipsista interno de autoanálise e nos mesmos casos busca por uma falta interna de ordem ou instabilidade. Um dos aspectos mais estranhos da arquitetura contemporânea, especificamente em escolas, é que ela não tem nada a ver com o peso real, dimensão, e resistência em termos físicos. Isto é necessário para estabelecer um certo movimento de dentro para fora. Mudanças em arquitetura tem ocorrido porque os aspectos técnicos mudaram. Em outras palavras, em vez de privilegiar o jogo interno da linguagem arquitetônica, agora a problemática técnica, a inovação técnica, e as possibilidades técnicas são meios para mover para fora, estabelecer uma alternativa que retém possibilidades de crescimento

## Considerações

O método arquitetônico sofreu diversas mudanças de 1993 para 1997, e mesmo para hoje em dia, estas mudanças são focadas na adoção de novo ferramental e de toda uma teoria que acompanha este novo ferramental do arquiteto. Por ferramental temos o meio digital como a peça fundamental destas mudanças. Inicialmente na arquitetura expressa pelo traço de grafite no papel exigiu do arquiteto um conhecimento específico da linguagem arquitetônica e como expressá-la para seus interlocutores, nas escolas, concursos e obras. Com os avanços da computação gráfica durante os anos 1990 a natural adoção do computador como ferramenta básica gerou novas arquiteturas. As arquiteturas da era do computador trouxeram a possibilidade de expressar as teorias fortemente influenciadas pelo chamado pós-estruturalismo francês, Foucault e Deleuze e seus conceitos do diagrama ganharam corpo material e esta forma resultante é o que Sanford Kwinter e outros em 1997, se referiram como *Design*.

Em 1993, o método da arquitetura era visto como uma política, a ciência que busca conciliar vontades muitas vezes opostas e dissonantes. Esta política decorre da tentativa de se envolver no contexto sociocultural urbano do local de implantação da obra. Mas nesta mesma época se via, como visto em Mark Taylor, a possibilidade de um mundo globalizado absolutamente interconectado através da internet, mesmo que ainda engatinhando no início da mesma década.

Como o conceito chave de *Anyone Corporation* em suas conferências era a indecibilidade a variação da concepção do método estava livre para evoluir como lhe fosse possível. Em si, *Any* possuía seu método aberto, livre, influenciável pelos contextos locais, porém neste artigo o método objetivado é o proposto para a arquitetura, não para o empreendimento ou mesmo para as conferências. E o meio de se fazer Arquitetura evoluiu de reminiscências do pós-modernismo com as preocupações linguísticas e sociais, para um pragmatismo de diagramas os quais tiram um pouco do peso das decisões projetuais do arquiteto. Por mais que se busque uma autonomia da forma arquitetônica, o arquiteto sempre terá a responsabilidade de

concluir a obra de arquitetura. E nisso tem-se que sempre se precisará da teoria e da crítica para continuar a evolução.

### Referências

DAVIDSON, Cynthia. An(y)alysis: Cynthia Davidson talks with herself, **Parametro** N. 252/253, Italia, 2004. Disponível em [http://architettura.it/files/20040925/index\\_en.html](http://architettura.it/files/20040925/index_en.html). Acesso em: 18 mai. 2018.

DAVIDSON, Cynthia C. (Org. Ed.). **Anyway**. New York: Anyone Corporation, Rizzoli International Publications, 1994.

DAVIDSON, Cynthia C. (Org. Ed.). **Anyhow**. New York, USA. Anyone Corporation, MIT Press, 1998.

DE VENTÓS, Xavier Rubert. Qualquer Caminho Leva a Roma. *In*: DAVIDSON, Cynthia C. (Org. Ed.). **Anyway**. New York: Anyone Corporation, Rizzoli International Publications, 1994.

EISENMAN, Peter. A--Way da/para a Arquitetura. *In*: DAVIDSON, Cynthia C. **Anyway**. New York: Anyone Corporation, Rizzoli International Publications, 1994.

EISENMAN, Peter. Zonas de Imprecisão: Os Processos do Intersticial. *In*: DAVIDSON, Cynthia C. **Anyhow**. New York: Anyone Corporation, MIT Press, 1998.

GUARINO, Alexandre Dias. **Anyone Corporation: Debates e Produção Teórica nas Conferências "Any" (de 1991 a 2000)**. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2020.

INDECIDIBILIDADE. *In*: DICIONÁRIO **Houaiss da Língua Portuguesa**. [S. l.: s. n.], [2017?]. Disponível em: <https://houaiss.uol.com.br/pub/apps/www/v5-4/html/index.php#>. Acesso em: 5 jul. 2020.

KWINTER, Sanford. Salto no Vazio: Um Novo Órgão? *In*: DAVIDSON, Cynthia C. **Anyhow**. New York: Anyone Corporation, MIT Press, 1998.

OXFORD UNIVERSITY PRESS, INC. **Dicionário de Português licenciado para Oxford University Press**. [S. l.]: Editora Objetiva, under license to Oxford University Press., 2019.

SERAJI, Nasrine. Nexo-Ateliê: Ferramentas, Organização, Processo. *In*: DAVIDSON, Cynthia C. **Anyhow**. New York: Anyone Corporation, MIT Press, 1998.

SOLÀ-MORALES, Ignasi de. Colonization, Violence, Resistance. *In*: DAVIDSON, Cynthia C. (Org. Ed.). **Anyway**. New York: Anyone Corporation, Rizzoli International Publications, 1994.

SOLÀ-MORALES, Ignasi de; RAMONEDA, Josep. **Anyway**. *In*: DAVIDSON, Cynthia C. (Org. Ed.). **Anyway**. New York: Anyone Corporation, Rizzoli International Publications, 1994.

SOLÀ-MORALES, Ignasi de. Liquid Architecture. *In*: DAVIDSON, Cynthia C. (Org. Ed.). **Anyhow**. New York: Anyone Corporation, MIT Press, 1998.

SOLÀ-MORALES, Ignasi de. **Los Artículos De Any**: Colección Secundaria para todos. Barcelona: FUND. CAJA DE ARQUITECTOS, 2009.

TAYLOR, Mark C. Trabalho em Rede. *In*: DAVIDSON, Cynthia C. **Anyway**. New York: Anyone Corporation, Rizzoli International Publications 1994.